

Você deve aposentar-se? E então?

WALTER WILLARD.

(Publ. em "Hygeia", agosto de 1947, trad. de Ana Rímoli de Faria Dória, com autorização da "American Medical Association").

(Continuação do artigo anterior)

II

A GORA que, por força das circunstâncias, estou vivendo no ostracismo, afastado de minhas atividades profissionais — um pouco mais aliviado, talvez, pela idéia de ser autor de alguma coisa útil — eu gostaria de divulgar a moral da história de minha vida, relativamente a uma determinada situação, e discorrer sobre os atributos pessoais exigidos pela situação em que me encontro presentemente. Não que êles sejam diferentes de milhares de outros, considerado o mesmo período da vida relativamente ao preparo prévio para enfrentar o futuro. Qual a razão, entretanto, dessa falta de preparação educativa, ou melhor, psicológica? Será que tal período da vida não tem nenhuma importância e não merece, por isso, grande consideração, ou será que, exatamente por ser de grande importância é que não tem sido objeto de cogitação dos entendidos?!

Para aqueles que atravessam esta fase da vida ou que nela se encontrarão um dia, a preparação prévia se torna de alta significação. Se considerarmos a vida composta de várias etapas, esta é, entre todas, a fase especial, a mais importante. O octogenário julga que os poucos anos que lhe restam de vida são os mais importantes porque representam tudo para êle; já o homem de negócios se preocupa com a produção e o máximo sucesso na carreira; nada melhor para o colegial do que as excursões, os acampamentos e as atividades atléticas. Da mesma forma, para aquele que está fora do emprêgo, voluntária ou obrigatoriamente, os anos que estão por vir constituem sério motivo de preocupação. Por que, então, se tem esquecido, tão tristemente, a preparação educativa de seu espírito, na época em que tudo corria normalmente?

E' bastante conhecido o resultado desastroso da transição brusca de uma atividade intensa (pontos de vista físico e mental) para a inatividade e inércia mental. Ao que eu saiba, a não ser em casos de discussões casuais sobre o interesse que os indivíduos possam ter em atividades recreativas — como se tal consólo não constituísse uma solução efêmera — nenhum esforço sério ou sistemático tem sido feito no sentido de incluir, na formação educacional do indivíduo, a noção da

importância da preparação para a eventualidade de um retiro forçado e involuntário de sua profissão, ou no sentido da assistência aos que se encontram neste caso, oferecendo uma solução ao seu problema. Não me lembro de ter ouvido, na escola ou em outro ambiente, qualquer discussão séria sobre a necessidade vital de impedir a aproximação de dias futuros inúteis e improficuos. Sempre se deu ênfase, otimistamente, à preparação do indivíduo para o porvir, porém, para um porvir pródigo, risonho, mas que não deixa de ter um limite final em que ninguém pensou, provavelmente, porque êste período deveria ser cuidado por si mesmo, ou porque é remoto demais para merecer atenção imediata.

Embora o indivíduo deixe sua carreira na época geralmente reconhecida como a idade da aposentadoria — os 64 anos ou duas décadas mais cedo como aconteceu comigo — êle ainda pode andar de cabeça erguida e se contentar com a alegria e felicidade que poderão fazer parte integrante dos anos restantes de sua vida. Como, entretanto, tem sido pouco compreendida esta possibilidade! Ao invés disso, o declínio rápido, aniquilante, o desânimo, o aborrecimento, o pessimismo. E depois que a novidade inicial das horas vagas desapareceu, a desorientação se instala e os indivíduos dêsse estágio não se fixam em nada mais...

Durante o tempo em que nos dedicamos ao trabalho, nós lutamos não apenas para o provimento de nossas necessidades imediatas; queremos, também, garantir uma reserva econômica para as necessidades futuras. Mesmo assim, essa reserva econômica não constitui uma solução em si mesma, principalmente se somos incapazes de substituir o incidente desagradável do afastamento da carreira por um interesse último e vital. Não estou querendo dizer, com isso, que devemos procurar uma fuga. Refiro-me a alguma coisa que satisfaça à nossa consciência interior e dirija nossas faculdades de maneira útil e construtiva.

Não são poucas as pessoas que se aproximaram compulsoriamente da época da aposentadoria sem algum temor. Para elas isso significa

sérios embaraços, quebra de hábitos e atividades que foram rotineiras durante 30 ou 40 anos! Isto significa a construção de um "modus vivendi" inteiramente novo para eles próprios; significa estar à margem da vida, vendo-a desenrolar-se e não podendo participar dela: e então, adeus conferências sobre os assuntos de interesse, adeus decisões importantes e reuniões para discussão de assuntos de interesse comum!

Há quem não perceba a significação de tudo isto supondo ter encontrado o que sempre procurou: não mais tensão nervosa, nada de corridas para chegar à repartição ou ao escritório à hora certa, sem perder o equilíbrio moral; em outras palavras: nada de responsabilidades. Em geral prometem-se o ostracismo, de agora em diante, na certeza de que não farão nada de cansativo. Como se enganam! Quanto tempo, porém, poderá um homem permanecer assim? Muito mais cedo do que se pensa desejará ele abolir o descanso obrigatório da varanda. Não pode aceitar um convite para uma partida de golfe com os seus antigos companheiros porque precisa fugir às discussões sobre negócios. Só lhe permitem a companhia de desconhecidos (na mesma situação, é claro!) para que as palestras não recaiam sobre os pontos condenados pela terapêutica, o que também não é fácil de encontrar. Ainda assim, estes aqui retratados são muito mais afortunados do que milhões de outros que, por causa da legislação, do contrato com os empregadores ou por razões diversas, não conseguiram, ou melhor, tiveram que providenciar esta mudança radical de sua vida sem ter, todavia, estabelecido a sua definitiva independência — que os salvariam da humilhação de ter que depender dos outros, por culpa própria.

O futuro se apresenta realmente negro para os que se encontram nesta situação se não possuírem recursos interiores. E não são poucos os casos de pessoas que se afastaram das respectivas atividades em tais condições.

Grande parte desse aborrecimento poderia ser evitada pela preparação prévia através de um trabalho educativo. Sem dúvida, quando se vive a época dos bancos escolares não se espera atingir a venerável idade dos 64 anos ou a linha divisória dos 40, segundo o dr. Osler.

Se, entretanto, as sementes forem adequadamente lançadas durante o período escolar e cultivadas pelos anos subsequentes e intermediários, a fase em questão poderá tornar-se útil e feliz ao invés de humilhante e triste. Este assunto oferece terreno fértil e propício ao estudo e ação de psicólogos educadores.

Não sou propriamente um neófito ao tentar resolver esse problema, no que se refere à minha pessoa. Há vários anos venho pensando nisso e prometera a mim mesmo resolvê-lo um dia. Não havia pressa. Eu era relativamente moço. Havia muito tempo para uma conclusão tranqüila e meditada sobre o futuro. Repentinamente, porém, chega-me o veredicto e, com ele, as ordens médicas. Conseqüentemente, sinto-me saturado de

um senso de desocupação e de um temor estranho e injustificado.

Procurei resolver essa difícil situação afastando-me de tudo, como atualmente o faço, loucamente, esqueci-me de providenciar uma ocupação para o meu espírito, ficando o meu interesse pela vida dependendo da paixão que eu pudesse ter pelas viagens e da apreciação de lindas paisagens. No ano de 1932, quando o turbilhão da depressão atingiu o seu ponto culminante; embora lutando desesperadamente contra ele cheguei, como todos, aliás, à exaustão. Fui atirado, submerso, para as profundezas do lamaçal. Viajei muito por vários países, fui para muito longe. Maravilhosa e rica experiência essa, interrompida somente quando eu comecei a compreender a sua imediata inutilidade.

Assim sucedeu depois da novidade inicial, quando eu comecei a sentir a falta de encantamento: sentara-me à mesa repleta de iguarias para verificar, em seguida, que elas não continham sequer uma grama de sal!

Durante vários meses os resultados foram sempre os mesmos: a fascinação inicial seguida de aborrecimentos e dificuldades. Supus poder continuar a viagem, após ter visitado a Europa e a África. Quando, porém, comecei a reconstruir minha vida, senti-me sem os recursos interiores. Que fazer?

Antes de mais nada, eu precisava admitir o meu fracasso e voltar para casa. Teria eu, entretanto, aproveitado a lição? Pelo contrário, atirei-me corajosamente ao trabalho sem outro pensamento que o de me preparar para o futuro.

Então, frente à necessidade de ação imediata, senti-me perdido num labirinto. Sempre gostei de leitura, porém, leitura apenas por distração ou curiosidade e não considerada do ponto de vista analítico. Nunca experimentei congregar minhas energias mentais num pensamento necessário à conversão de um determinado conjunto de material em uma plausível e elegante peça literária. Eu não admitia a possibilidade de haver diferentes maneiras de expressar a mesma idéia; não compreendia que uma interessante peça literária requer estilo e técnica, adquiridos ambos somente através de estudo e longa aprendizagem.

Este primeiro ensaio para me expressar através da literatura foi plenamente agradável. Passei a acreditar que o médico seria bem sucedido relativamente ao meu caso se, com a prática, eu viesse a adquirir suficiente capacidade de satisfazer às minhas próprias necessidades. Mas isto levaria tempo e eu teria que partir do começo e prover os recursos necessários à expansão das minhas — embora deficientes — idéias!

Estou convencido de que a minha situação é idêntica a de outros que atingiram um período equivalente, em sua vida e que sucederá o mesmo para inúmeras pessoas se esforços conjugados e bem orientados não forem envidados para impedir que assim seja.

A preparação para esta fase da vida deveria tornar-se um capítulo reconhecido e corriqueiro dos currículos de nossas organizações educacionais, iniciando cedo e continuando ininterruptamente, sem desmorecimento, por todos os níveis de ensino. Sob a forma de cursos regulares com instrução adequada, aulas, leituras, sugestões, etc., os assuntos sobre os quais versariam os programas, deverão, nesse caso, ser inteiramente eletivos. Amplos e flexíveis para permitir ao estudante a oportunidade de desenvolver um interesse e determinar, pelo ensaio e erro, a ocupação ou diversão mais de acordo com as necessidades psicológicas do indivíduo e mais provável de atender às suas exigências quando, por fim, fôr pôsto à margem e precisar abrir mão de sua carreira, negócios ou profissão.

Uma vez motivado o estudante, isto é, demonstrando êle interesse vivo (e seguro de que encontrou o entretenimento que mais satisfaz às suas exigências e podendo mudar de atividade, se assim o desejar) começará a trabalhar intensamente nesse setor, sem interrupção a fim de aumentar sua capacidade e poder ser graduado nesse assunto exatamente como o seria nos demais estudos. O trabalho com tal matéria (o assunto escolhido) prosseguirá simultâneo à preparação do estudante para outras fases da vida, com igual ênfase, pois, esta fase, um dia, poderá tornar-se a mais importante.

Durante os anos ativos e de produção, esta atividade provocará um doloroso, porém, necessário relaxamento e descobrirá talentos ocultos, que, de outra forma, jamais viriam à tona, permanecendo ignorados; além disso, um satisfatório grau de competência será atingido, se o esforço se mantiver persistente. Isto é de suprema importância porque, finalmente, o indivíduo acabará por ser o seu próprio, acerbo e severo crítico.

São poucos aqueles que, dentre nós, aceitam com resignação e calma a sobrevivência da incapacidade acidental, repentina, ou da velhice. Nossa resistência e insatisfação são determinadas, em larga escala, pelo grau de nossa ignorância do problema, ou seja, pela falta de preparação. Urge, como se vê, a necessidade de um "antídoto" para tais "males".

Redijo êste apêlo não por que eu esteja enfrentando uma situação igual e tenha de vencer ou fracassar pelo meu próprio esforço, mas para aqueles que ainda estão em tempo de receber benefícios, através dêle.

Quando se compreender que o período para o qual estou chamando a atenção, pode representar mais de 50% da vida de um ser humano adulto, o problema crescerá de vulto, assumindo uma tal proporção que o seu grau de importância justificará a necessidade da intervenção premente, segura, eficiente e dedicada de nossos mais capazes educadores.

* * *

Planejamento é, sem dúvida, algo mais que uma determinação de objetivo. O "Looking Backward", de Bellamy, descreveu o que lhe pareceu ser um estado ideal, mas o livro não determinou claramente o modo de atingi-lo. Foi mais um exercício em imaginar, que em planejar. O planejamento no qual estamos interessados refere-se tanto a meios, quanto a fins. Fixamos os fins. Na procura dos meios estamos continuamente em colisão com limitações. Considere-se, por exemplo, a variedade enorme de produtos de que no Wanamaker's, ou no Macy's de N. Y., no Marshall Field's, em Chicago, ou no Filene's, em Boston, o detentor de poder aquisitivo pode dispor; e, se viver no interior, como eu, basta perpassar as páginas dos catálogos do Sears-Roebuck ou Montgomery Ward. Que incalculável profusão de itens! Muitos dêles são de utilidade duvidosa e de mais do que duvidosa beleza. Mas a iniciativa privada colocou essa imensa variedade de objetos aberta à escolha do homem comum. Constitui uma realização democrática de primeira ordem. Será possível trazer êsse privilégio de escolha variada numa economia de detalhes planejados? Poderá ser êle objeto de qualquer contrôle centralizado, a menos que se restrinja a infinita variedade que possibilita o seu crescente desenvolvimento? Será esta profusão digna de algum sacrificio na eficiência ou na regularidade? Há outro aspecto em que encontramos limitações da compreensão humana e êste se refere à impossibilidade de se aplicar o método estatístico a determinadas condições. Êsse método tem sido aconselhado como um instrumento para a avaliação intelectual de fenômenos demasiadamente variados e numerosos para serem estudados em detalhe. A multidão de homens empenhados numa imensidade de ações pode agir a seu bel prazer, mas a lei da média mostrará as condições que controlarão suas ações no conjunto. O conhecimento dessas tendências gerais é necessário a um planejamento inteligente. Existem, porém, duas maneiras pelas quais os acontecimentos podem fugir a essa análise. A primeira é pelo crescimento exagerado de alguns elementos da situação, de tal modo que as decisões pessoais de caráter imprevisível, com referência ao maior dêesses elementos, tornam tôda a situação imprevisível. Um exemplo é o efeito de uma cadeia de lojas comprando alimentos perecíveis numa grande cidade. A administração pode arbitrariamente determinar a abstenção de compras por alguns dias, em seu próprio benefício e, dessa maneira, destruir a mais cuidadosamente preparada análise do mercado e previsão de preço. A segunda maneira surge quando as condições econômicas atingem a um estado patológico, no qual as correntes de histeria assolam o país inteiro. Aqui, ao invés de uma soma imprevisível de inúmeras ações privadas, teremos imprevisíveis reações do público. — (Ralph E. Flandres, in R.S.P. de dezembro de 1946).